

## A Vida no Além: Concepções de Ressurreição e Imortalidade na XVIII Dinastia Egípcia

---

*Claudio Prado de Mello*

### *Abstract*

*This article is a personal and original analysis of the ancient Egyptian concepts of resurrection and immortality, as seen under the XVIII<sup>th</sup> Dynasty. Using textual, iconographic and archaeological evidence, the author tries to perceive and explain how the different ancient explanations have all a common root. The purpose of this article is, then, to display the general development of Egyptian mortuary thought. The analysis is based on private funerary material, mainly from Thebes, Amarna and Memphis, even if the Provinces are not completely discarded. The text served previously as a chapter of the author's MA dissertation, presented in 1994.*

### *Prolegômenos*

Segundo a teologia proveniente de Heliópolis, como inferida a partir dos Textos das Pirâmides (Capítulo 571), houve um tempo em que não existia a morte, "antes do céu ter existido, antes do homem ter existido, antes dos deuses terem nascido, antes da morte ter existido", de fato, uma época que só existia o deus auto-criador Atum<sup>1</sup>. Os textos não dizem quando a morte surgiu, mas não é difícil acreditar que ela tenha surgido junto com a vida, estabelecendo assim, a ordem natural cíclica e cósmica de vida, morte e ressurreição. Através dos ciclos da natureza, os egípcios eram altamente conscientes da morte e a partir de suas crenças, eram conscientes da ressurreição. Diariamente eles assistiam ao "nascer" e "morrer" do sol; anualmente viam, após a inundação e a baixa do rio, vida nova gelar sobre a terra. Por ser o Egito uma nação agrícola e por tais fatos serem tão importantes,   possível especular que este equilíbrio os conduziram a inferir que, após a morte, se renasceria uma "segunda vez", em outra forma ou dimensão. Contudo, mesmo passando pelo processo de ressurreição, estariam sujeitos novamente   cíclica morte, e a partir daí, já

em vida terrena eles pediam (e afirmavam confiantemente) que não morressem uma segunda vez. Os capítulos 175 e 176 do Livro dos Mortos, intitulados "Oração para não morrer novamente", são claros em revelar tal preocupação. O Capítulo 176, na versão do Papiro de Mesennter, agora no Louvre (mas pertencente ao Cairo) diz:

"Oração para não morrer novamente no Domínio do Deus. Para ser dito por Mesennter: 'A terra do Oriente é uma abominação para mim. Eu não entrarei no lugar de execução, e as oferendas destas abominações dos deuses não serão feitas para mim, pois eu fui um daqueles que passou (em segurança), um puro, poupado no local de espancamento, a quem o Senhor do Universo deu seu poder mágico no dia da união das Duas Terras, perante o Senhor das Oferendas'.

Assim, como para aquele que conhece este encantamento, ele será um iniciado e não morrerá novamente no Domínio do Deus"<sup>2</sup>.

De acordo com algumas autoridades no assunto, a história da emergência da doutrina funerária Osiriana é uma sucessão de "conquistas político-religiosas" que tiveram origem no Período Pré-Dinástico e perdurou até os últimos dias da civilização egípcia. No entanto, apesar da grande importância do culto de Osiris e Isis (principalmente, a partir do Novo Reino), não existem fontes literárias conhecidas (ou pelo menos, não foram encontradas), com narrativas detalhadas do desenvolvimento e do desfecho de sua "saga". Em verdade, o documento conhecido mais revelador do Mito de Osiris data da XVIII Dinastia e é uma estela funerária de 1,03 x 0,62 m, que atualmente se encontra no Louvre sob o nº C286. Trata-se de uma estela de um certo Amenmes que contém o grande Hino a Osiris que revela algumas passagens concernentes ao mito. De acordo com Lichtheim<sup>3</sup>, tal assunto, para os egípcios era tão delicado e indecoroso que não era amplamente escrito, por este motivo as fontes nativas são tão escassas. Uma passagem do texto nos diz:

"... sua irmã era sua guarda, ela que dispersa os inimigos, que impede os atos que querem causar distúrbios, pelo poder de sua palavra. Aquela de língua hábil, cujo discurso não falha, afetiva na palavra de comando, poderosa Isis, que protegeu seu irmão, que procurou sem se cansar, que vagou pela terra se lamentando, sem descansar até encontrá-lo, que fez uma sombra com sua plumagem, criou ar com suas asas. Que, em júbilo, juntou o seu irmão e ressuscitou Aquele de Coração-Inerte, recebeu a semente, deu luz (pariu) seu herdeiro, educou a criança em solidão, (sendo) sua permanência (de Osiris) desconhecida. Que o conduziu quando seu braço estava forte para a ampla sala de Geb. A Enéada ficou

em júbilo: "Bem-vindo, filho de Osiris, Horus, o de Coração-Firme, o Justificado, filho de Isis, o herdeiro de Osiris"<sup>4</sup>.

No entanto, a maior parte do conhecimento avaliável que possuímos acerca da "Saga" de Osiris e Isis provém de fontes distanciadas cronologicamente do período enfocado. Trata-se das fontes literárias clássicas, que datam a partir de 450 a.C., quando historiadores e viajantes gregos e romanos visitaram o Egito, fazendo anotações acerca do que viram e ouviram, entre eles: Heródoto, Diodoro Sículo, Plutarco, Júlio Firmico Materno e Macrôbio. Tais viajantes, em graus distintos de importância fizeram comentários ou contaram o chamado "Mito de Osiris". Apesar de sua importância, um estudo comparado entre tais relatos nos mostra que suas informações são demasiadamente contraditórias, e apesar de válidas do ponto de vista geral e informativo, atestam que eles não conheciam os princípios básicos e simbolismo da Religião egípcia. Ademais, é importante especificar que, o que descreveram fazia parte de um corpo ideológico de um Egito decadente e muito da sua filosofia original já havia sucumbido diante da grande massa de cultos zoólatras, conjurações mágicas (mais do que nunca!), oráculos ingênuos e visões distorcidas do mundo, em comparação com aquelas do Antigo, Médio e início do Novo Reino. Assim, devemos ter cautela em relação a veracidade de tais relatos e adotarmos uma visão múltipla que conjugue, concomitantemente, as seguintes fontes: 1) os relatos dos escritores clássicos; 2) as inscrições, hinos religiosos e pequenas passagens (ou referências) do Período Histórico concernentes ao mito; 3) informações inferidas a partir da documentação iconográfica (de documentos epigráficos e tumulares) e 4) dados arqueológicos. De acordo com esta documentação, podemos sintetizar que: durante o Período Pré Dinástico, Osiris era um deus da fertilidade identificado inicialmente com as fases da Lua, interpretadas como o contínuo processo de morte e ressurreição. A partir daí, se acredita que Osiris tenha se tornado o símbolo de um grupo que instalou seu deus em Busiris (Djedu), aonde era venerado Andjeti, um outro deus da fertilidade<sup>5</sup> representado antropomorficamente, talvez um ancestral deificado, portador das insígnias reais. A identificação de Osiris com Andjeti provavelmente foi facilitada pelo fato que os dois deuses eram representados como seres humanos e assim, rapidamente Osiris teria absorvido seus títulos e sua posição — e passou a ser conhecido como o "Senhor de Djedu". Seria muito difícil afirmar quando, mas supõe-se que na transição do Período Pré-Dinástico para o Arcaico, Osiris já possuísse características funerárias e, a partir de sua convincente proposta de existência póstuma, foi progressiva-

mente identificado a outras divindades mortuárias de várias localidades. Em sua passagem por Mênfis ele foi associado a Ptah e a Sokar e posteriormente (ou mesmo antes) ele foi identificado com Khenti-Amentiu — o importante deus funerário de Abidos, “Chefe dos Ocidentais”, soberano dos que habitavam o Amentet após a morte e “Senhor de Abidos”, que viria mais tarde a ser o principal centro de culto de Osiris no Alto Egito. No tempo dos Textos das Pirâmides provavelmente Osiris já fosse um importante e influente deus funerário, que foi então, incluído na família da Ra, o deus solar de Heliópolis, que na época desfrutava o ápice de sua influência. Segundo a Teologia Heliopolitana, Osiris era irmão de Isis, Set e Neftis, filho de Geb (terra) e Nut (céu), neto de Shu (ar) e Tefnut (umidade) e assim bisneto de Ra-Atum (o Princípio Criador).

Segundo a lenda, Osiris tornou-se Rei do Egito (se ele reinou a partir de seu nascimento ou foi coroado depois, as fontes não revelam) e governava com extrema sabedoria e benevolência. Ensinou aos seus primitivos súditos a viver em paz, a não destruir mutuamente suas vidas, a não abandonar sucessivamente suas moradas, e os ensinou a viver em cidades, a plantar e a ceifar as colheitas, a cultivar as parreiras e a fazer o vinho, a plantar a cevada e a fazer a cerveja, a adorar os deuses e a forjar metais, e enfim, a criar um código de leis que facilitasse suas vidas em comunidades. Isis, sua irmã e esposa, ensinava às mulheres as artes femininas e os cuidados da casa, a repelir os espíritos malfazejos com encantamentos; e os fundamentos da família. O casal, em suma, inventara a própria Civilização. Osiris, posteriormente, deixou o Egito e viajou pelo resto do mundo para ensinar às várias nações os princípios da civilização. Ele não forçava os homens a seguirem seus ensinamentos, mas simplesmente os conquistava por meio de doces palavras e gentil persuasão. Durante a ausência de Osiris, Isis administrava vigilantemente os interesses de seu esposo, com grande sapiência e prudência. Sua tarefa não era fácil, pois Set, seu invejoso cunhado e irmão, constantemente planejava usurpar-lhe o trono. Logo que Osiris retornou de sua missão no Exterior, Set mandou fazer um cofre ricamente decorado. Durante a festa, levou o cofre para o grande salão e então proclamou que o cofre pertenceria a pessoa que nele coubesse perfeitamente. Todos os convidados, entre eles, os setenta e dois conspiradores (cúmplices de Set) o experimentavam, mas sem sucesso. Enfim chegou a vez de Osiris: quando entrou no cofre e deitou-se, sua estatura ajustou-se perfeitamente e no mesmo instante, Set e seus cúmplices fecharam a tampa, correram os ferrolhos, lacravam o cofre com chumbo derretido e o jogaram no rio (que passava próximo). Osiris morreu sufocado e seu corpo, no cofre, seguiu a correnteza do Nilo, passou

pela boca de Tânis e foi levado ao mar Mediterrâneo para em seguida a correnteza arrastá-lo para as costas do Líbano, próximo a Biblos. Isis, ao saber da tragédia, se imbuíu de incalculável tristeza, gritou pungentemente, cortou uma mecha do cabelo, vestiu sua roupa de luto e saiu a procura do cofre, mas pelo caminho ninguém sabia informar o seu paradeiro. No entanto, nas redondezas de Tânis ficou sabendo por intermédio de algumas crianças que brincavam no campo, que o cofre passara pela boca de Tânis e havia chegado ao mar.

O que tinha acontecido ao cofre ao chegar nas costas de Biblos fora o seguinte: as ondas carregaram-no para a praia e que, tão logo caiu entre os galhos de uma árvore, subitamente esta cresceu e tornou-se uma frondosa árvore *Érica*, encerrando no interior de seu tronco o cofre contendo o corpo de Osiris. O Rei de Biblos, ao passar por lá, ficou impressionado com o tamanho e a vivacidade da árvore e mandou cortar a parte superior de seu tronco para fazer uma grande coluna para seu palácio.

Enquanto isso, nas suas buscas, Isis ouvira o rumor do que tinha acontecido em Biblos e para lá seguiu. Lá chegando, postou-se próximo a uma fonte; tão logo as servas da Rainha de Biblos chegaram a fonte, Isis fez amizade com elas e se ofereceu para ajudá-las. Sendo perita em magias e encantamentos, Isis penteava os cabelos das servas e espalhava sobre elas um magnífico perfume, tornando-as incrivelmente sedutoras. Ao saber disto, a Rainha desejou conhecer tal estrangeira de excepcionais qualidades e mandou convidá-la para ir até o palácio. Lá chegando, Isis iniciou uma grande amizade com a Rainha e em pouco tempo foi instalada na Casa Real, como ama do filho da Rainha. Como ama, Isis dava-lhe o dedo para chupar, em vez do seio, na hora de amamentar a criança e à noite, ela queimava as partes materiais do corpo da criança, a fim de torná-la imortal. Ao mesmo tempo, Isis se transformava em andorinha e voava em torno da coluna onde Osiris estava e se lamentava profundamente. Uma noite, a Rainha quis certificar-se que a criança dormia e então deparou com seu filho dentro do fogo. A Rainha, aterrorizada, gritou pungentemente, de tal forma que quebrou o encantamento e impediu que o jovem príncipe se tornasse imortal. Em seguida, Isis revelou à Rainha quem realmente era, contou sua história e pediu que a coluna fosse dada a ela. Quando isso foi feito, Isis removeu o cofre e restaurou a coluna, cobrindo-a com linho e óleos perfumados, entregando-as aos reis, que a puseram no templo da cidade, onde era adorada como relíquia santificada.

Com o cofre guardado, Isis embarcou num navio, em Biblos, em retorno para o Egito. Tão logo chegou em terra, em um lugar seguro e desolado, Isis tirou o cofre do navio, o abriu e abraçou o corpo de Osiris

com profunda tristeza e chorando desesperadamente usou de todas as mágicas e artificios para lhe restituir a vida, mas sem efeito. Em seguida, Isis se transformou em um falcão e agitando as asas sobre o corpo inerte, na tentativa de restituir-lhe o sopro da vida, foi milagrosamente fecundada. Chegando ao Egito, ela escondeu o cofre nos pântanos próximos a cidade de Buto e saiu a procura de ajuda. Por acaso, numa noite clara de luar, Set, que caçava nos pântanos do Delta, descobriu o cofre com o corpo de Osiris. Então ficou furioso e partiu o corpo em catorze pedaços (vinte e seis segundo Diodoro e dezesseis segundo outros) e espalhou-os por todo o Egito. Set esperava que Isis não fosse capaz de encontrá-los. Mas com a ajuda de Néftis e Anubis (segundo Firmico Materno), ela começou a piedosa e dolorosa procura dos restos mortais de Osiris, desde o Delta até a Núbia. Depois de algum tempo, Isis e seus divinos colaboradores conseguiram restituir todo o corpo, exceto o pênis, que foi devorado por um peixe oxirrincos (segundo Plutarco). Alguns textos sugerem que, em cada local onde eram encontradas as partes do corpo de Osiris, realizavam um ritual fúnebre e enterravam uma parte do corpo, ou um modelo dela. A partir daí surgiram as capelas locais. Os mais importantes desses locais eram Abidos, Busiris e em tempos posteriores a ilha de Bigeh, na Primeira Catarata do Nilo. Não obstante, os outros relatos atestam que Isis, Néftis e Anubis depois de recolherem os pedaços do corpo, o reconstituíram e confeccionaram a primeira múmia para em seguida realizar os rituais mágicos de revitalização. Osiris ressuscitou, mas não mais reinou sobre a terra, partiu para o Outro Mundo, transformando-o de um lugar escuro, triste e estéril, em uma terra extremamente fértil.

Ainda em relação ao mito e à síntese aqui por nós apresentada, cabe fazer algumas observações pertinentes, como segue:

1 — De acordo com os Textos dos Ataúdes, sabemos, através do Capítulo 837, que o lugar do assassinato de Osiris se chamava Nedyt e o provável lugar onde ressuscitou se chamava Gehesty<sup>6</sup>. Já a Elocução 477 dos Textos das Pirâmides, a que deu origem ao Capítulo 837 dos Textos dos Ataúdes não revela o nome de tais localidades, o que nos permite saber que esta tradição é posterior ao Antigo Reino<sup>7</sup>.

2 — Ao que tudo parece indicar, a conexão de Osiris com a água (rio e mar) é uma tradição tardia<sup>8</sup>. Da mesma forma, "não existe qualquer traço do episódio de Biblos no Mito do Período Faraônico, mas em Plutarco tem sido defendido, por refletir uma tradição perdida das origens de Osiris jazendo no Líbano" como afirma Hart<sup>9</sup>. "Esta sugestão não é totalmente verossímil e a provável fonte para o 'cenário' em Biblos é a

*ligação do intenso tráfego de madeira (especialmente cedro) que o Egito tinha com o Líbano*"<sup>10</sup>.

3 — Em relação ao pênis de Osiris, existe um problema, pois na tradição faraônica o falo foi preservado intacto e enterrado em Mênfis. Mas na tradição tardia, ele foi devorado e a deusa confeccionou um membro artificial para o deus. Em relação a isto existia um culto e um festival estabelecido pelos egípcios<sup>11</sup>.

Ao que parece, durante a XVIII Dinastia, foi enviada uma comissão à cidade de Abidos a fim de inspecionar sua necrópole e achar provas tangíveis do Mito de Osiris<sup>12</sup>. Nesta ocasião, o túmulo do Rei Djer, da I Dinastia, foi confundido e identificado como sendo o túmulo do deus, e assim, a cidade tornou-se ainda mais famosa e reconhecida em todo o país como uma cidade sagrada. No entanto, de acordo com Breasted, esta identificação é muito mais antiga e recua até o Médio Reino<sup>13</sup>. Em termos iconográficos, a célebre cena de peregrinação à Abidos já aparece nas Tumbas Tebanas desde a XI Dinastia, como vemos na Tumba Tebana 103, de Daga e na Tumba Tebana 60 de Antefoker, da XII Dinastia. Contudo a "moda" de representar tal cena nas paredes dos sepulcros só ocorre mesmo na XVIII Dinastia, pois das sessenta Tumbas Tebanas que contém tal cena, trinta e seis datam da XVIII Dinastia.

Uma outra questão decorrente da investigação dos relatos clássicos e ligados aos conceitos de ressurreição e imortalidade, e agora pertinentes, pode ser sintetizada por uma passagem do relato de Herodoto, que diz:

"Os egípcios foram os primeiros a dizer que a alma humana era imortal, e que quando da morte do corpo, ela passava sucessivamente para outras formas vivas, constantemente reencarnadas (renascendo) e, depois de passar através de diferentes tipos de animais da terra, do mar e do ar, ela novamente penetrava no corpo de um homem que estava nascendo, e fazia esta migração por três mil anos"<sup>14</sup>.

Esta visão também era defendida por Teofrasto, Platão e Plutarco; contudo, tendo investigado as fontes egípcias sobre a morte, ressurreição e imortalidade, obviamente sabemos que não existem nelas, evidências da metempsicose. Apesar de existirem capítulos do Livro dos Mortos, como os Capítulos 76, 77, 80, 81a, 81b, 83, 84, 85, 86, 87 e 88, que previam transformações do morto em formas divinas, animais ou vegetais (Figura 1), sabemos que estas transformações ocorreriam simbolicamente e segundo a vontade do morto, e não como uma concepção de transmigração espiritual ou de reencarnação<sup>15</sup>. De acordo com Petrie, esta concepção

mal interpretada dos escritores clássicos, provém do fato que, com a invasão Persa, em 525 a.C., na XXVII Dinastia, os conhecimentos de transmissão espiritual provenientes da Índia, influenciaram as bases da Literatura Hermenêutica, a tal ponto, de terem sido ensinados a Herodoto, como uma crença egípcia, mais ou menos 75 anos depois, quando ele viajou pelo Egito<sup>16</sup>. Tais relatos conduziram uma pequena parcela de estudiosos (no passado e no presente), certamente impulsionados por suas próprias crenças e experiências religiosas, a defenderem a hipótese de uma doutrina espiritual reencarnacionista para o Egito Antigo, baseados, em especial, nos livros mortuários surgidos durante a XVIII Dinastia; entre eles: A. Piankoff e em especial, L. Lamy. Segundo o primeiro:

"... esta atitude em relação a vida e a morte é bem conhecida pela Etnologia moderna. A mente 'mística' ou 'pré-lógica' não faz uma separação definida entre estes dois estados. A pessoa morta não está totalmente morta, enquanto (que) o ser vivo passa durante sua vida por vários estados intermediários, várias mortes e renascimentos. De acordo com Lucien Levy-Bruhl (*Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures*, Paris, 1910, p. 361), o ciclo completo da vida e morte engloba seis estágios. Começando com a morte: primeiro — um estado indefinido, mais ou menos longo, entre a morte física e o funeral; segundo — o período entre o funeral e o fim da lamentação, quando o morto é separado dos vivos; terceiro — o período de duração indefinida antes da reencarnação; quarto — o período entre o nascimento e o (momento de) dar o nome; quinto — o período entre a doação do nome (nomeação) e a iniciação, isto é, ser admitido na comunidade dos adultos; sexto — o período adulto de vida terminando com a morte, quando se inicia um novo ciclo."<sup>17</sup>



Figura 1: Cena do Papiro Nebqed. (Fonte: Catálogo da Exposição: Naissance de l'Écriture — Cuneiformes et Hieroglyphes, Paris: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1982, p. 290-1.)



Mais recentemente, L. Lamy, com todas as palavras, defende a concepção reencarnacionista adaptada ao pensamento egípcio. Sua mais dispareta explicação surge quando afirma que: "*sobre o plano abstrato, o Duat corresponde conceitualmente ao lugar aonde Jesus levantou entre os mortos...*"<sup>18</sup>. De fato, sua interpretação das emanações vitais, como os livros mortuários e demais aspectos do pensamento funerário são direcionados no sentido de adaptar as concepções egípcias aos princípios da metempsicose<sup>19</sup>.

Contudo, o que parece ser o mais revelador, entre os testemunhos nativos sobre a ressurreição, imortalidade e vida no Além-Túmulo e que parece fornecer uma "chave" ao entendimento do pensamento egípcio em relação ao Outro Mundo, não é um texto estritamente funerário ou ritual, mas sim, uma inscrição registrada na parede da tumba de Paheri (EK 3), em El-Kab. O texto parece nos fornecer uma visão equilibrada dos conceitos de ressurreição e imortalidade e justamente por não ser um texto mágico ou ritual, comprometido com qualquer doutrina *post-mortem* em especial, mostra uma visão de conjunto. Ele nos diz:

"Tu vens, tu vais,  
Teu coração (está) em graça nas orações do Senhor de Deus,  
Um belo enterro após veneranda idade,  
Após a velhice ter chegado.  
Tu ocupas teu lugar no 'senhor da vida', (i. e., atáide)  
Tu vais para a terra, na tumba do Ocidente.  
Para se tornar, na verdade, um Ba vivo,  
Ele florescerá sobre pão, água e ar,  
Para assumir a forma de uma fênix, andorinha,  
De falção ou íbis, como tu queiras!  
Tu atravessas, na balsa sem ser impedido,  
Tu passas sobre o curso das águas que correm.  
Tu vens a viver (nasce) uma segunda vez,  
Teu Ba não abandonará teu corpo.  
Teu Ba é divino entre os espíritos,  
Os Ba's dos valorosos conversam contigo,  
Tu te juntas a eles para receber o que é dado na terra,  
Tu prosperas sobre a água, tu respiras o ar,  
Tu bebes como teu coração desejar.  
Teus olhos são dados a ti para ver,  
Tuas orelhas para ouvir o que é dito;  
Tua boca fala, teus pés andam,  
Tuas mãos, teus braços tem movimentos.  
Tua carne está firme, teus músculos estão macios,  
Tu regozijas em todos os teus membros: todos lá, perfeito!

Não existe falta no que é teu.  
Teu coração é teu em cada verdade,  
Tu tens teu próprio, teu primeiro coração.  
Tu ascendes ao Céu, tu abres o Duat,  
Em qualquer forma que tu queiras.  
Tu és chamado diariamente perante o altar de Unnefer  
Tu recebes o pão que vem, perante (ele),  
A oferenda para o Senhor da Terra-Sagrada;  
Para o Ka do Governador de Nekhed, e o Governador de Yunyt,  
Que conta o grão de Inset para Nekheb,  
O condutor atento, livre de faltas,  
O escriba Paberi, o Justificado.

Tu comes pão ao lado do Deus,  
No grande terraço do Senhor da Enéada;  
Tu te viras para lá, para aonde ele está,  
No meio do conselho dirigente.  
Tu andas entre eles,  
Tu te associas aos Servos de Horus;  
Tu sobes, tu desces, desimpedido,  
Tu não és recusado na porta do Duat.  
Os portais da Terra de Luz são abertos para ti,  
Os ferrolhos deslizam por eles próprios;  
Tu alcanças a Sala da Dupla Msat,  
O deus que está lá te recebe,  
Tu te estabelececes no Mundo Inferior,  
Tu transpões em volta da cidade de Hapi.  
Teu coração se regozija quando tu aras,  
Em teu pedaço de terra nos Campos de Juncos;  
Tu és recompensado com o que tu tens plantado,  
Tu reúnes uma rica colheita em grão.  
A esperança é esperada para ti na Barca,  
Tu navegas quando teu coração deseja,  
Tu vais para fora a cada manhã,  
Tu retornas a cada noite.  
A tocha é acesa para ti na noite,  
Até o sol brilhar sobre teu peito.  
Alguém diz para ti: 'Bem-vindo, bem-vindo !'  
Nesta tua casa dos vivos.  
Tu vês Ra na Terra de luz do Céu,  
Tu observas Amon quando ele desperta.  
Todas as aflições são expelidas.  
Tu transpassas a eternidade em alegria,  
No favor de Deus que está em ti,  
Teu coração está contigo sem falhar,

Tuas provisões permanecem no teu lugar;  
*Pura o Ka do escriba Paheri, o Justificado* <sup>20</sup>.

O texto acima citado nos ajuda a tentar reconstituir os conceitos de ressurreição e imortalidade na XVIII Dinastia e no decorrer deste segmento ele será de alguma forma analisado. Em primeiro lugar, apesar de eclético ou contraditório, ele explicita que, acima de qualquer posicionamento religioso, existia uma grande expectativa (ou esperança) que transcendia qualquer concepção isolada. Por si só, ele reúne as mais importantes possibilidades de Bem-Aventura, mesclando tradições, doutrinas e destinos distintos, ou mesmo revelando um único destino de Vida-Futura, que nesta época parece ter sido "fundido" (ou integrado) de alguma forma, formando uma concepção bastante ampla. Da mesma maneira, o Livro dos Mortos expõe uma amostragem diversificada de tradições que, quando analisadas em conjunto, parecem demonstrar que formam uma concepção razoavelmente integrada, apenas com destinos diferentes. Porém, isto não é de surpreender, pois como vimos anteriormente, se acreditava que existiam princípios espirituais com especificações distintas:

"Isto é porque os egípcios podiam acreditar em uma (doutrina de) Pós-Vida em que o morto poderia passar a eternidade na companhia das estrelas circumpolares como um Akh, e ao mesmo tempo estando restritos a câmara funerária e capela de oferendas como um Ka, mas também visitando o mundo dos vivos, habitando os Campos Elísios, viajando através do Céu e do Mundo Inferior com o Deus-Sol como um Ba."<sup>21</sup>.

A partir destas considerações podemos sustentar que, acima de tudo, o egípcio esperava que lhe fosse dada uma segunda oportunidade de vida para que sua parte incorpórea continuasse existindo. De fato, o destino final não parecia ser tão importante, o que era mais relevante era a imortalidade de seu espírito entre as outras almas dos espíritos imortais e preferencialmente junto aos deuses, ditos perfeitos. Nesta ótica, a "contemplação" — entendida como uma meditação passiva — não fazia parte do modo de vida do egípcio no Outro-Mundo. Em verdade, as ações que poderiam ser vistas como contemplativas, como ver o pôr do sol, eram imbuídas de um certo caráter ativo que as transformavam em "adoradores", ao invés de simples "contempladores". Da mesma forma, este caráter ativo era perpetuado no Outro-Mundo, pois lá, os mortos trabalhavam, comiam, beberiam e copulavam de forma similar àquela da terra dos vivos.

Neste sentido, seria oportuno esclarecer que nossa "leitura" das concepções egípcias dos conceitos de *Post-Mortem*, bem como o acúmulo de

bens funerários e o conseqüente usufruto no Outro-Mundo, nos conduz a acreditar que apesar de tal aspecto aparentar em um primeiro momento uma visão materialista da Outra Vida, um estudo aprofundado destas questões nos convence que a questão não é tão simples. De fato, não nos parece possível admitir uma concepção puramente materialista se suas partes incorpóreas (ou princípios espirituais) poderiam estar dispersas entre o céu e o Mundo Inferior e seu corpo confinado numa tumba lacrada. Vejamos o seguinte esquema, que apresenta o possível destino de um morto para o período estudado, que, de acordo com os textos funerários como o Livro dos Mortos e especificamente *A Vida no Além*, era invariavelmente simultâneo:



### 1) O destino do morto na tumba

O *Khat* ou corpo físico putrescível era mumificado e após os rituais adequados, ele era revitalizado. Sua boca seria magicamente aberta e como conseqüência, todos os outros sentidos seriam restabelecidos. Seu corpo embalsamado estava acerradamente enfaixado, mas devido aos rituais mágicos, seus membros tinham movimento.

O inveterado hábito de personificar idéias e qualidades abstratas transformou o que poderíamos chamar de "essência" ou "força vital" numa forma semelhante ao morto, como se fosse um "double" ou duplicata. Durante toda a vida esta "essência" (ou princípio espiritual) *Ka* animava o corpo, mas com a morte ele passava a habitar a múmia, a estátua *Ka* ou suas representações. Por certo, esta energia vital *Ka* era significativamente ampla para poder habitar simultaneamente alguns ou vários receptáculos, desde que eles mantivessem características pessoais (aparências ou personalidade) de seu possuidor. Como um corpo físico do vivo precisava ser alimentado com comida e bebida, o *Ka* do morto também deveria ser nutrido. Neste sentido, particularmente acreditamos que o fornecimento de oferendas aos mortos não prova necessariamente que eles imaginavam que a vida no Outro Mundo era exatamente idêntica àquela sobre a terra. Em verdade, mostra que eles não puderam imaginar uma existência conti-

nuada após a morte que descartasse um esquema qualquer de nutrição Pós-vida. De fato, nos parece mais seguro, ao invés de admitir uma interpretação materialista da vida no além, conceber uma visão espiritualizada da comida, já que nos textos são quase unânimes em declarar que as oferendas eram dedicadas ao *Ka* do morto, e a palavra *k3w* (*kau*), plural de *Ka*, significa "(oferendas de) comida". Portanto, o *Ka*, como uma "essência" alimentava-se das "essências" dessas oferendas que eram depositadas perante a porta-falsa ou a estátua-*Ka*, ou ambas. A capela era o centro vital da estrutura funerária e mesmo que a múmia fosse destruída e a capela poupada, ainda assim a existência continuada do morto estaria assegurada, já que a tumba era a "Casa do *Ka*". Existia, obviamente, o risco de ambas (múmia e tumba) serem destruídas, mas neste caso, ainda assim existiria uma esperança de sobrevivência, desde que uma inscrição, representação do objeto inscrito com seu nome fosse preservado. Portanto, as chances de sobrevivência eram consideravelmente grandes.

O *Ba* (alma) do morto tanto poderia habitar o céu, junto aos deuses e visitar a tumba quando quisesse, ou poderia voar durante o dia e voltar para a tumba a noite. Ao que tudo indica, somente a partir da XVIII Dinastia o *Ba* passou a ser amplamente representado como um pássaro (falcão) com cabeça humana. Cenas tumulares desta época mostra o *Ba* do morto junto a ele, se alimentando, próximo a uma árvore (sicômoro), que era considerada como uma manifestação da deusa celestial Nut (Figura 2). O *Ba* teria acesso através da porta-falsa ou estela, que era construída (ou pintada) com o propósito de contatar magicamente a tumba (o mundo terreno dos vivos) e o Outro Mundo (aonde quer que ele fosse!) (Figuras 3, 4 e 5).



Figura 2: Os *Ba*'s do casal alimentando-se. (Fonte: ALDRED, C. et alii. *L'Empire des Conquérants*, Tom III, Paris, Gallimard, 1979, p. 114).



Figura 3: Porta-falsa da tumba tebana 52, de Nakht. (Fonte: MEKHITARIAN, A. *Egyptian Painting*, Londres, Skira-MacMillan, 1978, p. 18).

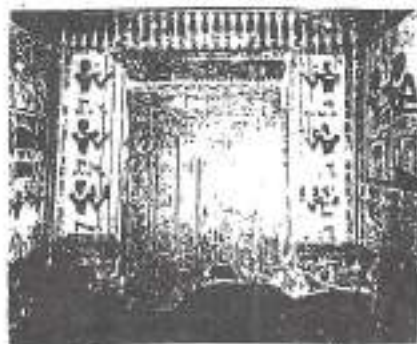


Figura 4: Porta-falsa da Tumba Tebana 343. (Fonte: MANNICHE, L. *City of the Dead — Thebes in Egypt*, Londres, BMP, 1987, p. 7).



Figura 5: Porta-falsa da Tumba Tebana 343. (Fonte: ALDRED, C. et alii. *L'Empire des Conquérants*, Tom III, Paris, Gallimard, 1979, p. 276).

Neste momento, alguém poderia perguntar qual era o motivo da alma (*Ba*) ser representada como um pássaro com cabeça humana, e a resposta seria tripla, como segue: 1) A alma seria representada como um pássaro porque à ela era atribuída a capacidade de se locomover ou voar; 2) Durante os crepúsculos matutino e vespertino geralmente os pássaros se movimentam e piam de forma considerável, num movimento intenso. Um dos desejos dos mortos era poder adorar o nascer e o pôr do sol, assim, é possível imaginar que este possa ter sido um dos motivos para eleger os pássaros como símbolos da alma; 3) Com cabeça humana, certamente para diferenciar o *Ba* dos outros pássaros, e também, porque aparentemente, o *Ba* poderia falar (ou conversar) com a múmia, e também, porque, teoricamente, a face do *Ba* reproduziria as feições do próprio morto (Figuras 6, 7 e 8).



Figura 6: O *Ba* "conversando com a múmia". Papíro de Nakht. (Fonte: FAULKNER e ANDREWS, C. *The book of Dead*. Londres, 1989, p. 85).



Figura 7: A palavra *Ba*. (Fonte: PRADO de MELLO, C. *Sistema Mortuário Privado na XVIII Dinastia Egípcia*. Tomo III. Niterói: ICHF, 1994, P. 1).

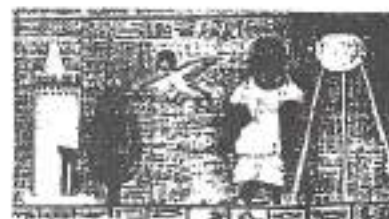


Figura 8: O morto e seu *Ba* nas proximidades da tumba durante o dia. Papíro de Nakht. (Fonte: FAULKNER e ANDREWS, C. *The book of Dead*. Londres, 1989, p. 89).

## 2) O destino do morto no Reino dos mortos

O *Ba* do morto, de acordo com o Livro dos Mortos (Cap. 91), viveria no Outro Mundo e eventualmente, de forma minoritária, seu espírito, sua essência ou sua sombra poderiam estar relacionados ao mesmo destino.

O Mundo dos Mortos era liderado pelo Deus-juiz Osiris, que já tinha passado pela experiência da morte e sobre ela triunfou. Neste mundo, não existia lugar para a negação de morte, mas sim, sua transformação. De fato, esta doutrina tem como ponto forte a idéia de ressurreição, porque Osiris morreu e ressuscitou. Neste domínio, a preocupação do morto era a de não morrer uma segunda vez, como vemos originariamente no Textos dos Ataúdes e posteriormente no Livro dos Mortos. Em verdade, esta concepção parece estar intrinsecamente ligada ao *Ba* do morto, visto que, seu corpo já morreu com a "primeira morte" e apesar de embalsamado, não passa de uma imagem recuperada que esconde ossos e restos de carne, que somente passam a ser "divinos" e revitalizados, quando passam por rituais específicos e são magicamente associados ao deus Osiris. Sem dúvida, o Reino dos Mortos era conectado à idéia de algo físico, que tem como ponto de partida a tumba, a necrópole e o Oeste — a reconhecida terra dos mortos. A visão clássica deste reino nos mostra um "paraíso" de feições materialistas, onde a vida se desenrolava de forma análoga àquela vivida sobre a terra, entre os vivos. Durante a XVIII Dinastia, este popular paraíso de Osiris foi "embutido" no Mundo Inferior (*Duat*), como uma simples região entre outras onze, como vemos no Livro das Portas (e também no Livro das Cavernas, de uma forma diferente), que, em períodos posteriores, passaram a ser representados nas paredes dos túmulos, nos sarcófagos ou mesmo transcritos em papiros de particulares.

A idéia de um "cadáver-vivo", um dia pode ter existido e talvez por este motivo é que se tenha iniciado o costume de acomodar objetos e oferendas em torno do morto, e a conseqüente elaboração de uma morada permanente para o morto. Durante a II Dinastia, tais unidades funerárias, poderiam até mesmo conter um *toilet*.

Para a XVIII Dinastia, existem menções e até mesmo representações iconográficas que mostram o *Ba* do morto descendo poços em direção à câmara funerária subterrânea, levando "vida" (ou "estabilidade") à múmia; outras mostram o *Ba* pousado sobre a múmia (Figura 6), como se estivessem conversando. Apesar de tais cenas serem peculiares, elas representam o fato da múmia poder ser encarada como um corpo vivo, desde que, animada por sua alma.

A inabilidade dos egípcios antigos em explicar coisas abstratas pode ser melhor compreendida, quando, nos textos funerários, a idéia de "as-



cender", necessitava de uma escada. Apesar da escada ser verificada no Textos das Pirâmides (Cap. 304-5), o deus Osiris tornou-se o símbolo da "escada do Céu". De acordo com o Livro dos Mortos (Cap. 98), existia uma escada que conduzia ao Céu e talvez este tenha sido um dos motivos de incluir um amuleto em forma de escada entre os itens do equipamento funerário. Outrossim, de acordo com os textos, a Bem-Aventurança de um morto não era uma consequência da sua morte, mas algo conquistado, já que, prescrevia, como um requisito, a pesagem de sua alma, considerando sua conduta moral durante o tempo vivido sobre a terra. Mais uma vez, a tendência egípcia em "materializar" idéias e qualidades abstratas, transformou o coração *ib* (o depositário da consciência), em um objeto (vaso ou amuleto?) em forma de coração, que era depositado num dos pratos de balança e baseados no resultado desta pesagem, era o dado o veredicto, que invariavelmente optava pela sua inculpabilidade e a declaração de que ele era "justo de voz", e que a criatura *Ammut* — a "devoradora das almas (dos mortos)", não prevaleceria sobre ele. Tal conceito de justiça (ou seleção) fazia com que, *a priori*, o Outro Mundo tivesse uma espécie de "mecanismo de autonomia", para receber a alma de quem quer que os seus deuses-juizes permitissem. Mesmo que, a idéia de julgamento dos Mortos fosse, em origem corrompida pelos procedimentos mágicos que eram legítima e astutamente empregados pelo morto para iludir os deuses-juizes. Certamente, a relação Magia X Moralidade, como vemos no Capítulo 125 do Livro dos Mortos, não é compatível, mas o que mais parece importante é o conceito de Ética que ela representa.

A maior parte das concepções ligadas a este denominado domínio dos mortos mantinha aspectos que hoje poderíamos rotular como "materialistas" e talvez por esta razão, esta proposta de *Post-Mortem* tenha se tornado mais popular do que as tradições solar e celestial, que ao nosso ver eram mais desenvolvidas em termos teológicos e até mesmo "científicos", já que, em origem se baseava numa "cosmogonia como consequência da concepção cíclica do universo"<sup>22</sup>. Nesta ótica, devemos lembrar que esta denominada "popularidade" entre as pessoas comuns, de certa forma representava não propriamente o que poderia ser amplamente aceito ou acreditado pelos particulares, mas o que era "permitido" ser mostrado, pelo que chamamos de Decoro, considerando que existia a preocupação de se reservar a imortalidade solar para a classe dominante. Assim, a tumba seria a entrada do Outro Mundo, que segundo uma tradição conduziria a *Ro-setau* e consequentemente, tendo alcançado a Bem-Aventurança "o morto desejava ter permissão para se mover livremente tanto no céu e na terra e 'sair a luz do dia', para participar da regeneração cósmica (e) eterna de Ra"<sup>23</sup>.

### 3) O destino do morto no céu

Ao mesmo tempo que o *Ka* viveria na tumba, o *Akh* viveria no Céu, junto aos *Akhu* (espíritos imortais), aos deuses e possivelmente entre as estrelas. De fato, esta concepção parece ser uma tradição inicialmente isolada (com características próprias), que pode ser amplamente verificada nos textos ligados a concepção solar, mas que, em algum momento, foi fundida as demais. De acordo com o Livro dos Mortos, o *Akh* não deveria ficar na tumba e contra isso existiriam fórmulas específicas para que o *Akh* do morto não fosse aprisionado na tumba.

A tradição solar, já no Texto das Pirâmides foi associada a concepção celestial, esta primeira, criada pela corrente teológica heliopolitana, que estabeleceu sua doutrina desde os primórdios da civilização. Do mesmo modo, o termo "ascender ao Céu" tem a ver com a negação da morte e ambos parecem ter origem nos Textos das Pirâmides. A idéia de ressurreição, implica no reconhecimento da morte e apesar de minoritária é também explorada nos Textos das Pirâmides (§ 662, 665, 666 e outros).

Nos Textos dos Ataúdes, por seu turno, verifica-se a "democratização" dos conceitos funerários e neste, não somente existe a idéia da negação da morte, mas a existência do morto no Céu.

O *Akh* era o mais sublime e sobrenatural dos princípios espirituais e apesar de também estar relacionado no Livro dos Mortos ao reino "materializado" dos mortos, jamais são representados. De fato, a tendência egípcia em personificar idéias ou qualidades abstratas, que representou o *Ba* como um pássaro com cabeça humana e o *Ka* como uma réplica do ser humano com um símbolo *Ka* sobre a cabeça, não foi suficientemente forte para esquematizar uma representação do *Akh*! Porque será? Não nos parece ser falta de criatividade, ou o fato do *Akh* poder ser invisível, pois *Maat*, mais do que uma deusa, era um princípio que reunia as idéias abstratas e invisíveis de justiça, equilíbrio, medida, ordem e verdade e mesmo assim, poderia ser representada antropomorficamente ou por uma pluma de avestruz. O vento é invisível, mas existe, e poderia ser representado como uma vela de embarcação. Em verdade, nos parece que não existia uma representação formal para o elemento *Akh* porque ele era absolutamente incorpóreo e portanto, não era facilmente passível de "materialização" e porque ele procurava representar o mais incorpóreo e imaterial dos princípios espirituais, que, numa terminologia moderna, poderia ser comparado a um tipo de "aura". Neste momento, devemos lembrar que, de acordo com o pensamento egípcio, uma imagem poderia substituir um objeto, uma realidade ou uma presença física. O que existe, de fato, é o ideograma (ou semi-ideograma) — *3h* — *Akh* (Gardiner G 25), representado como uma *Ibis comata*, que significa "espírito", "natureza como es-

pírito” ou “glorioso”, que aparentemente, apenas explica sua utilização para representar a palavra *Akh* porque a plumagem de tal ave é verde escuro, entremeada por manchas do tipo metálicas reluzentes, que ao sol, brilham intensamente e acabam por conferir o significado de “resplandecer”, “irradiar” da palavra. Fugindo do período selecionado, mas complementando consideravelmente a nossa investigação, para a época de Ramsés II, da XIX Dinastia (cerca de três décadas após), a Tumba Tebana 341, de Nakhtamon, nos mostra uma cena, agora particularmente importante. Na parede lateral esquerda da ala esquerda da sala transversal da capela funerária vemos uma cena de Psicostasia que mostra Anubis verificando o fiel da balança, sendo observado por Ammut; sobre a balança, uma imagem única em toda documentação iconográfica egípcia para todo o Período Histórico: trata-se de uma figura humana, hoje parcialmente destruída na parte superior, provida com dois pares de asas: duas acompanham os braços e as outras acompanham as pernas abertas da figura, nas mãos: um par de símbolos *ankh* (Figura 9). O que mais notável nesta imagem, são as linhas *bruxuleantes* pintadas em um tom azul pálido que são projetadas em torno da figura, que, de fato, parecem representar um tipo de radiação (resplendor) de um tipo de presença divina. Apesar da ausência de inscrições, acreditamos que trata-se de uma tentativa de representar o *Akh* do morto, que estaria acompanhando a Psicostasia.



Figura 9: Espírito resplandesciente presente na Psicostasia. Tumba tebana 341, Nakhtamon, XIX Dinastia. (Fonte: SMITH, W. S. The Art and Architecture of Ancient Egypt. Harmondsworth, Penguin Books, 1981, p. 381).

Em um primeiro momento, a transformação do morto em um *Akh*, como consequência do "desmembramento" espiritual, apesar de conferir-lhe um estado de eternidade entre os espíritos imortais ou as estrelas imorredouras, se tornava de certa forma contraditória quando encontramos indícios de que sua perenidade era de algum modo condicionada pela manutenção da estrutura funerária. Contudo, este aspecto também não era tão simples assim. Em primeiro lugar, seria importante verificar como um morto se transformava num *Akh* e em segundo lugar, procurar saber o que a eternidade representava no conjunto de suas reflexões sobre o assunto. Em médio egípcio, a mesma palavra que significava "glorificar (um) deus" — *s3h* — *sakh*, também era aplicada à uma ação, que a princípio pode parecer incomum, que é a de "espiritualizar", que certamente significa algo como transformar o morto em um *Akh* através das *s3hw* — *sakhu* — isto é das "recitações rituais", que provavelmente poderiam ser parte do Ritual de Abertura da Boca, como vemos no Capítulo 74, como um ritual específico<sup>24</sup> ou mais certamente um período indefinido a que o morto passaria no próprio Mundo Inferior, como sugere o texto de Páheri (linhas 61-4). Sugestivamente, um dos epítetos de Nut — a deusa do Céu — a deusa que conferia a eternidade às estrelas imorredouras e aos mortos era *wrt aht* — *urt akhet* — a "grande de glória", que também pode ser traduzido como "grande *Akhet* = espírito luminoso *Akh*", que nas tampas dos ataúdes das duas primeiras fases da XVIII dinastia era amplamente representada como um abutre de asas abertas. Em segundo lugar, o que nós chamamos de "eternidade", para o egípcio era algo sensivelmente distinto que conhecemos e de acordo com os estudiosos do assunto, variou consideravelmente no tempo. Para E. Hornung:

"Ela tem duração, mas não existe nada como a existência eterna, que seria uma contradição, em termos. O par de palavras egípcias (que) nós traduzimos como 'eternidade' (*nhh* e *dt*), de fato significa 'tempo', por esta razão, a única declaração explícita preservada acerca da existência, a define como *nhh* e *dt*"<sup>25</sup>.

Já G. Thausing diz, que apesar de ambas palavras significarem "eternidade", *nhh* estaria relacionada ao aspecto temporal, enquanto que *dt* estaria conectada ao aspecto espacial<sup>26</sup>. Contudo, na sua crítica, A. M. Bakir conclui que existia uma distinção entre as duas, mas esta seria sensivelmente diferente; apesar desta diferença ter se tornado enfraquecida; originariamente, o conceito de *nhh* estava ligado ao estado das coisas antes da criação do mundo e portanto estava conectada a idéia da criação infinita da vida e por conseguinte significaria algo "infinito"; enquanto

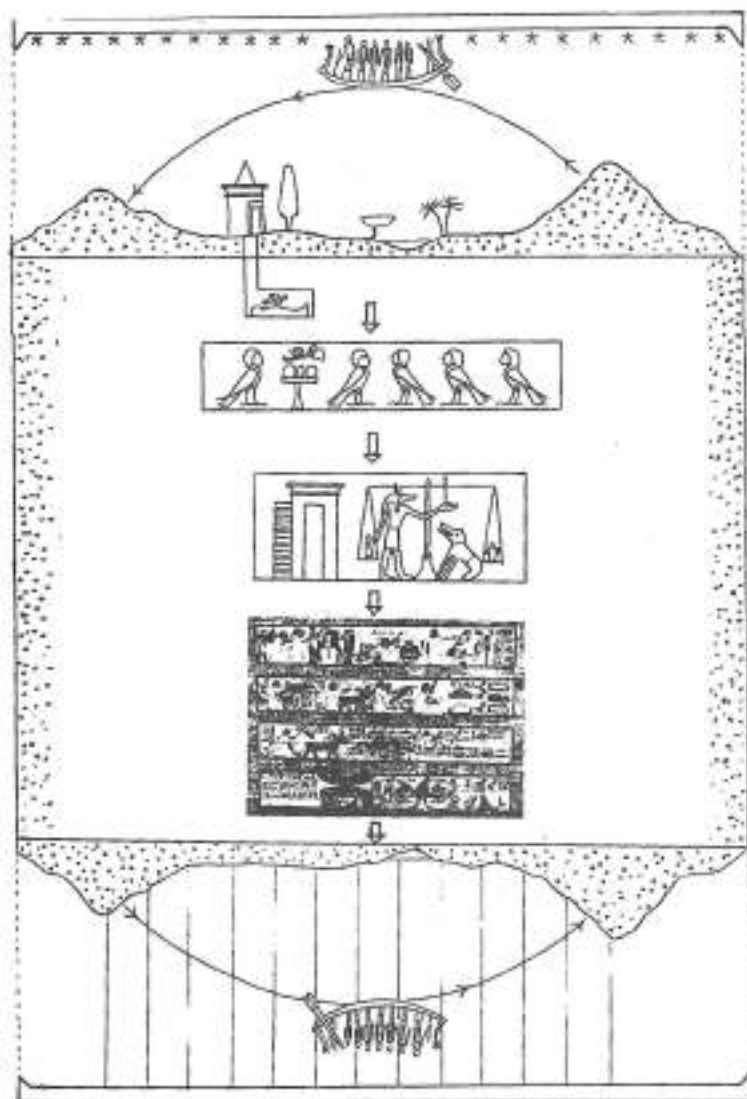
que *dt* se referia à eternidade no sentido que nos é mais familiar e que exclui a idéia do infinito na sua pré-existência — e estaria relacionado a eternidade que segue a morte<sup>27</sup>.

A guisa de uma conclusão acerca do que tratamos no decorrer desta pesquisa, começaremos por fazer algumas considerações, que ao final tornarão uma forma de interpretação.

De acordo com as mais antigas concepções, o "céu" era a morada dos deuses. Durante o Antigo Reino, uma distinção tornou-se aparente, diferenciando a abóbada em que os deuses viviam e o domínio dos mortos, que também situava-se no céu. Nesta época, o deus sobre a terra era o Rei e o deus verdadeiro habitava o céu. Não obstante, a idéia deste céu "etéreo" deveria ser muito imprecisa para um pensamento baseado em exemplos concretos e que certamente tinha dificuldades para elaborar em detalhes idéias puramente abstratas. Com o colapso do Poder Central e a descaracterização da Monarquia, o Rei perdeu parte de sua "aura" de divindade, que, a partir do final do Primeiro Período Intermediário é de certa forma democratizada, passando então, a ser atribuída a pessoas comuns. Como uma conseqüência natural, o deus (do céu) também perde parte de sua transcendência e é trazido para a terra, e uma parcela dele passa a viver numa cópia simplificada do céu, i. e., o templo.

Com a democratização do pensamento funerário, uma outra "estância sobrenatural" de Pós-Vida é incluída (como um estágio?) no imaginário do além — o Mundo Inferior. Aparentemente, por seu maior expoente (Osiris) ter sido morto, desmembrado e enterrado, o Mundo Inferior simboliza a idéia "materializada" de uma existência confortável de um mundo quase terreno.

A partir do Novo Reino, mais precisamente na XVIII Dinastia, o deus passa a habitar simultaneamente o Céu, a terra e o Mundo Inferior. O Hino de Amon em Leyden sugere que o *Ba* do Deus Criador está no Céu, seu corpo está no Mundo Inferior e sua imagem (*hnty*) está sobre a terra. Assim, a divindade é imaginada estar presente no Mundo Ordenado da criação, mas em diferentes maneiras e diferentes formas. A abóbada é o Céu; o Mundo Inferior é um lugar de estada secundário e passageiro em que o *Ba* e o corpo são unidos toda a noite. Sobre a terra, contudo, os deuses vivem somente nas imagens do Rei como uma imagem de Deus, nas imagens de culto nos templos e nos animais, plantas e objetos sagrados<sup>28</sup>.



*Plano esquemático alegórico do percurso da barca do outro mundo (Ilustração de Claudio Prado de Mello)*

Apesar de existir uma distinção substancial entre a natureza divina dos deuses e a dos mortos, sem dúvida alguma, o homem desejava se tornar um "deus" após a morte. Segundo H. Frankfort, referindo-se ao destino dos mortos e ao Outro mundo:

"Esta ausência de definição do Outro Mundo está em manter a concepção (que) nós descobrimos estar sujeita as várias imagens após a morte: (não) existia nenhuma terra dos mortos para ser descrita. O morto vivia no grande circuito cósmico do sol e das estrelas. Eles viviam no Céu, mas também no horizonte, no Mundo Inferior, eles desciam ao Oeste e ascendiam no Leste. Eles mantinham alguma conexão com sua tumba e através dela, com (a) vida sobre a terra. Mas sua última felicidade estava além da terra e da tumba..."<sup>25</sup>.

Neste sentido, o que até agora tem sido considerado como uma mistura de doutrinas "Post-Mortem" diferentes, poderiam ser encaradas como parte de um único contexto, de fato, uma concepção multi-facetada, de formas bastante distintas (quase contraditórias) como o texto "A Vida no Além" da tumba de Paheri (EK 3), acima descreveu em pormenores. Se pudermos encarar tal hipótese como algo coerente, poderíamos "ler" tal texto da seguinte forma:

LINHAS 1 A 5 — O indivíduo morre, e como um fiel, ser-lhe-á assegurada a continuidade de sua vida. Ele é enterrado e seu corpo é preservado no ataúde, metaforicamente chamado de "o Senhor da Vida".

LINHAS 6 A 12 — Ele tornar-se-á uma alma viva (*Ba*) — após o Ritual de Abertura da Boca e nesta forma, ele adquirirá a capacidade de se transformar no que quiser, e de locomover-se sem dificuldades.

LINHAS 13 A 29 — Ele adquiriu uma segunda vida (através dos rituais apropriados e em especial através do Ritual de Abertura da Boca) e com o corpo reanimado pelo *Ba* ele se junta as outras almas do Mundo Inferior. Neste lugar, que parece ser uma estação intermediária, ele recebe o que lhe é oferecido na terra dos vivos. Ele está completamente revitalizado e mantém seu coração (o depositário da consciência). Ele é consciente de que a ele foi dada uma segunda vida e ele não pode perde-la novamente.

LINHAS 30 A 46 — Este lugar em que ele está é certamente inferior, porque para chegar até a porta do Duat, ele precisa ascender, que neste sentido, deve ser descer, visto que, aparentemente, este mundo pode ser subterrâneo, como indica o signo determinativo do céu do Duat — o "Céu Inferior" — que freqüentemente é desenhado de cabeça para baixo, como segue: *nnt* — *nenet* —<sup>30</sup>. Ele é diariamente chamado perante o altar do deus Unnefer — "O deus que está sempre feliz" = Osiris — e neste lugar

ele é nutrido ao lado do deus. Neste segundo lugar (um segundo patamar sobrenatural) ele também tem movimentos, e anda entre os membros do Conselho e os Servos de Horus, que parecem constituir uma categoria mais importante (ou desenvolvida?) de seres celestiais. Aparentemente, este trajeto é repetido até o dia em que as portas do Duat ser-lhe-ão abertas.

LINHAS 47 A 56 — Chegando o grande dia, os “portais da Terra de Luz são abertos, os ferrolhos deslizam por eles próprios” para que ele alcance a Sala da Dupla Maat. Enfim, ele é julgado e estabelecido no Mundo Inferior. Uma porção de terra lhe é dada, ele a cultivará e por isso, ele será recompensado.

LINHAS 56 A 60 — De acordo com a vinheta do Capítulo 110 do Livro dos Mortos e em especial, o último registro do Sekhet-Hetep(u), existe a representação de uma “ilha”, que é dita ser, de acordo com uma inscrição no Papiro de Ani (Figura 10): “O lugar dos Akhu. Sua altura é de cerca de 3,50m e o trigo mede cerca de 1,50 m de altura”. Já o Papiro de Nebseni (Figura 11) se refere à quatro figuras mumiformes sentadas neste lugar, com sendo “A Grande Companhia dos deuses, que se encontram no Sekhet- Hetep(u)”. A última cena, do último registro é composta por uma grande barca com oito remos (de cada lado) e extremidades da proa e da popa em forma de cabeças de serpentes. Já no meio destas barcas (em todas as representações conhecidas) existe uma grande escada. A escada aqui, parece ser o instrumento pelo qual o morto ascenderia (ou desceria?)! Mas para onde? Se aqui termina a representação dos Sekhet-Hetep(u), e os textos se calam! O texto de Paberi diz: “A esperança é esperada para ti na Barca... Tu vais para fora a cada manhã, tu retornas a cada noite”. Aparentemente estas linhas parecem revelar que o morto tinha a esperança de alcançar a Barca que o permitiria refazer o “circuito cósmico”, juntando-se ao deus-sol e na sua Barca transpassar os domínios do Mundo Inferior e chegar ao céu terreno. Ora, se o Mundo Inferior era iluminado pelo sol durante a noite terrena e o morto se juntava ao sol e assim alcançava o Egito terreno durante a manhã, de fato, ele não mais era uma testemunha da escuridão em qualquer momento. Nesta ótica, até mesmo o nome original do Livro dos Mortos, que é “(Capítulos de) Sair à Luz do Dia” parece fazer algum sentido!

LINHAS 61 A 64 — Fazendo parte do Séquito de Ra e tendo alguém para fazer uma “oferenda de luz”, isto é, acender uma tocha durante a noite, ele aguarda o momento do “sol brilhar sobre o seu peito”, expressão que talvez possa se referir a sua transformação em um verdadeiro “espírito de luz” — um Akh. A partir deste momento, alguém o cumprimenta, dizendo: “Bem-vindo, bem-vindo! Nesta tua casa dos vivos”.



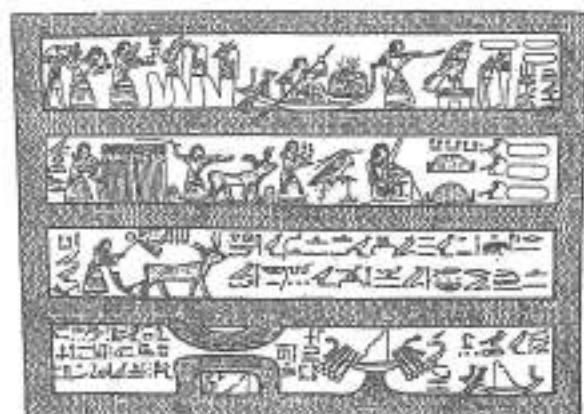


Figura 10: Papiro de Ani. (Fonte: BUDGE, E. A. W. The Egyptian Heaven and Hell, Illinois: Open Court, 1974 (reimpressão de 1925), p. 45).

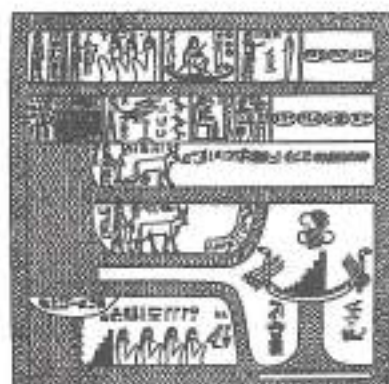


Figura 11: Papiro de Nebseni. (Fonte: BUDGE, E. A. W. The Egyptian Heaven and Hell, Illinois: Open Court, 1974 (reimpressão de 1925), p. 43).

LINHAS 65 A 66 — A partir daí, parece que estava consumado e ele tinha alcançado um estado de imortalidade, pois ele vê “Ra na Terra de Luz do Céu e observa Amon quando ele desperta”, de fato, ele parece estar bem próximo dos deuses ou de suas essências.

LINHAS 67 A 72 — Neste lugar, ele não mais tem aflições e ansiedade, pois o morto transpassa a “eternidade em alegria” e ele é parte de Deus! Seu coração (o depositário de sua consciência e emoções) está com ele, sem falhar, e suas provisões continuam na terra para seu Ka.

Procurando interpretar o texto acima, nos parece possível penetrar nas idéias abstratas que as imagens e os textos, de alguma forma, representavam de forma mascarada. Por certo, esta "leitura" não passa de uma interpretação pessoal, na qual, as diversas "estâncias sobrenaturais" da Outra-Vida foram lidas na forma em que foram escritas, i. e., em um único contexto, não isolando-as, como é geralmente feito. É óbvio que, alguém poderá perguntar se tal leitura não moderniza, deturpa ou confere um grau maior de sistematização ou coerência ao pensamento mortuário da época. A resposta, neste caso, será certamente, um rotundo "não", porque tal interpretação foi baseada em um único documento que reflete de forma natural as idéias que existiam numa mesma época e em um mesmo lugar. Tal leitura apenas concatena noções e detalhes, que são da mesma forma, sempre analisados isoladamente. Neste sentido, seria importante mais uma vez lembrar as severas regras do Decoro, que não permitia a representação de determinados temas para as pessoas comuns e, na maioria das vezes, eram restritos aos Soberanos e que certamente influenciaram a temática da decoração das tumbas privadas e de documentos escritos, como as exemplares dos Livros dos Mortos conhecidos. Contudo, tal rigidez não foi o suficientemente forte para impedir que o Livro do Mundo Inferior — que narra o percurso completo dos mortos, para esta época — como o do Am-Duat e o das Portas, fossem, mesmo na XVIII dinastia, representados na Tumba Tebana 61 e Tumbas Tebanas 6, 120 e 255, respectivamente; e que, algumas passagens (ou idéias) desses Livros fossem adaptadas e inscritas no Livro dos Mortos, já para a XVIII Dinastia, como vemos nos Capítulos 136 a, 136 b, 99 e 100, entre outros. Também nos parece óbvio que tal concepção poderia não ser propriamente comungada por todos, talvez pelo simples fato do Mundo Inferior de Ra-luf ser, a princípio, tão escuro e cercado por criaturas de aparência assustadora. A tendência egípcia em personificar idéias e qualidades abstratas, talvez, na dificuldade de representar a forma luminosa de um coletivo de espíritos resplandecentes (*Akhu*), se utilizou do Sol (em sua Barca) para representar o que a união de tais seres brilhantes poderia significar. De outra forma, é possível especular que, sendo o Sol a verdadeira fonte de luz, tais espíritos, a princípio, somente refletissem o brilho solar, já que, mesmo tendo alcançado a Bem-Aventurança, o morto poderia ser, de alguma forma, impedido ou contrariado no Mundo Inferior. De acordo com Zandee<sup>31</sup>, existe uma clara oposição entre os *Shw* — *Akhu* e os *mtw* — *metu*. Sendo os *Akhu* — os "Espíritos Glorificados", seres com um destino positivo e os *Metu* — "Os Mortos", seres com um destino não tão claro, talvez negativo. É possível ima-

ginar que tais seres fossem aqueles que, *a priori*, deveriam permanecer na Antecâmara do Duat, o que parece contrariar a noção do julgamento do morto na Sala da Dupla Maat, que previa a destruição da alma que não fosse inocentada no Julgamento.

A literatura funerária, com seus "guias" didáticos acerca o *Post-Mortem* acaba por nos passar a idéia que existia propriamente um caminho a ser seguido para os que desejassem se tornar um espírito imortal. Descer a terra, chegar à câmara funerária e como uma alma viva ingressar no Mundo Inferior constituía um primeiro passo. Neste caso, a tumba seria o início do caminho, os estágios acima descritos constituiriam os meios e sua união ao Sol, o fim (ou melhor, o início do circuito eterno), segundo esta interpretação. Nesta ótica e de acordo com as concepções evidenciadas no texto de Paheri (e outros contidos no Livro dos Mortos), na ordem que foram apresentadas, o trajeto poderia ser esquematizado alegoricamente da seguinte forma:

Tal esquema, baseado na documentação apresentada, poderia nos conduzir ao seguinte quadro, que reflete os estágios a que passariam os mortos, como segue:

TRANSFORMAÇÕES DO MORTO		
TERRA	MUNDO INFERIOR	CÉU
<i>Ka</i>	<i>Ba</i>	<i>Akh</i>
Matéria	Alma Viva	Espírito de Luz

O *Ka* está sobre a terra na forma de estátuas e imagens do morto. Sob a terra ele está na múmia, que, por sua vez, se junta ao *Ba* durante a noite (segundo uma tradição).

A partir do Ritual de Abertura da Boca, o morto transforma-se em um *Ba* (alma viva) e vem a viver uma segunda vez. O Mundo Inferior é aparentemente uma estação intermediária e nele parecem existir estágios distintos. Neste lugar, ele alimenta-se de "coisas boas e puras" e aqui ele aguardará o momento de ser admitido na Sala de Julgamentos. Após ser julgado e considerado "Justo de Voz" ele é estabelecido no Sekhet-Hetep(u), onde viverá algum tempo até alcançar o Barco que o conduziria ao Céu. Em um porto, nos confins do Sekhet-Hetep(u), na "Terra dos *Akhu*" existe um barco com uma escada. Este barco, aparentemente, numa "di-

menção mito-poética" estaria relacionado a "Barca dos Milhões de Anos", e como um espírito transfigurado (*Akh*) ele fará parte do circuito cósmico (Figura 12).

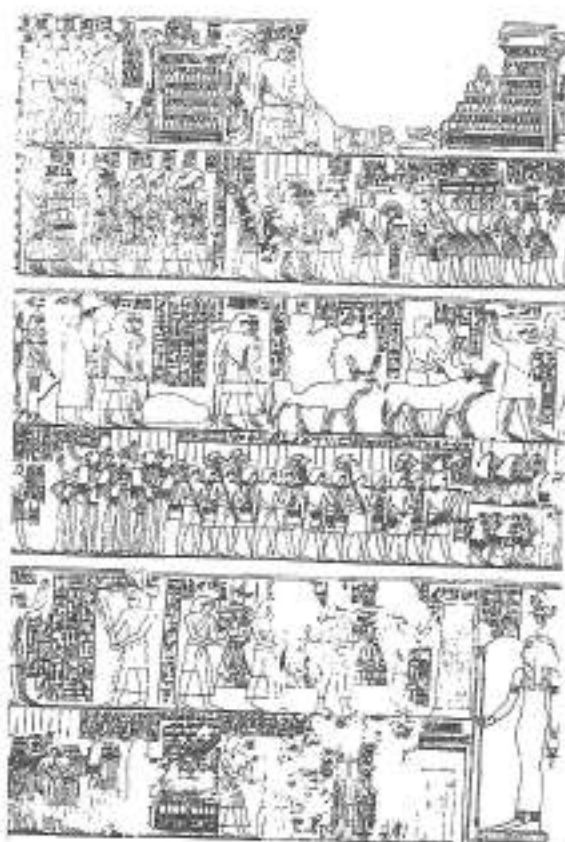


Figura 12: Cena completa de procissão fúnebre da Tumba Tebana 55 de Ramose. Em baixo, no último registro pode-se verificar a representação do ritual de abertura da boca (Fonte: FLEMINGS, S. (Ed.) *The Egyptian mummy — Secrets and Science*. Filadélfia, The University Museum, 1980, p. 38-41).

A forma alada *Ba*, como os Barcos, representados nos caminhos aquáticos do Outro Mundo, aparentemente, representam formas distintas de locomoção e transporte, já que, para chegar à Bem-Aventura, ele tinha que trilhar um caminho mais ou menos longo, mas de qualquer forma intrincado. Existe uma permanência neste mundo, pois tanto o Sekht-Hetep(u) quanto o Duat de Ra-luf, são cortados por canais ou um rio celestial e subterrâneo, respectivamente. Algumas tumbas da XVIII Dinastia mostram que realmente a Barca Solar trafega em um rio ou curso de água que está dentro da terra, como podemos ver na representação esquematizada da areia que circunda toda a representação do Livro do Am-Duat (Figura 13). Sem dúvida, os egípcios desta época acreditavam que existia um sistema fluvial subterrâneo, o que explicava os lençóis de água subterrâneos e a existências de poços.

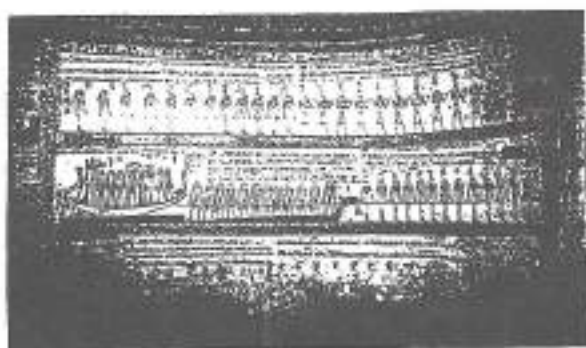


Figura 13: A 12ª hora do Duat. Tumba de Tutmes III. (Fonte: YOYOTTE, J. "A concepção egípcia de mundo" In: O Egito dos Faraós — O Correio, novembro de 1998, p. 25).

Uma interpretação "mística", no sentido de espiritualmente alegórica ou figurada, diria que em termos físicos, esta progressão representaria o renascimento contínuo e glorioso do Sol e portanto a vitória da luz sobre a escuridão, e em termos espirituais, representaria a transformação das partes incorpóreas do ser, progressivamente sublimando a matéria densa e se transformando em espírito de luz (*Akh*).

## Notas

*Este trabalho é uma síntese do Capítulo II da Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Ciro Flamarion Santana Cardoso e defendida em Agosto de 1994 no Curso de Mestrado em História Antiga e Medieval do Departamento da História do ICHP da Universidade Federal Fluminense. O que aqui é escrito reproduz única e exclusivamente a opinião de seu autor.*

<sup>1</sup> Elocução 571, parágrafo 1466, V. FAULKNER, R.O., *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, 1969, p. 226.

<sup>2</sup> V. ALLEN, T.G., *The Book of the Dead or Going Forth by Day*, The Oriental Institute of the University of Chicago, 1974, Illinois, p. 185.

<sup>3</sup> V. LICHTHEIN, M., *Ancient Egyptian Literature, Vol. II: The New Kingdom*, University of California Press, Berkeley, 1976, p. 81.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>5</sup> V. HART, G., *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Routledge & Kegan Paul, London 1988, p. 18-9.

<sup>6</sup> V. FAULKNER, R.O., *The Ancient Egyptian Coffin Texts, Vol. II*, Aris & Phillips, Warminster, 1977, p. 23.

<sup>7</sup> *Idem.*, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Aris & Phillips — Bolchazy-Carducci, s/d., p. 164.

<sup>8</sup> V. HART, G. *Egyptian Gods...*, *op. cit.*, p. 156.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 166.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 166.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 168.

<sup>12</sup> V. ALDRED, C. *Os Egípcios*, Coleção *Historia Mundi*, Editorial Verbo, Lisboa, 1966, p. 40.

<sup>13</sup> V. BREASTED, J.H. *A History of Egypt*, Hodder & Stoughton, London, 1919, p. 172.

<sup>14</sup> V. POSENER, G., *Dictionnaire de la Civilisation Egyptienne*, Fernand Hazan, Paris, s/d, p. 172. E Knauer Lexikon der Ägyptischen Kultur, Droemersch Verlagssansalt, München, 1960.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> V. PETRIE, W.M.F. *Religious Life in Ancient Egypt*, Cooper Square Publishers, New York, 1972, p. 109.

- <sup>17</sup> V. PIANKOFF, A., *The Shrines of Tut-Ankh-Amon*, (ed. N. Rambova), Bollingen Series XL.2, Princeton University Press, 1977, p. 22.
- <sup>18</sup> V. LAMY, L. *Egyptian Mysteries*, Thames & Hudson, London, 1981, p. 89.
- <sup>19</sup> *Ibid.*, p. 26.
- <sup>20</sup> V. LICHTHEIM, M. *Ancient...*, op. cit., Vol. II, p. 17-8.
- <sup>21</sup> V. FAULKNER, R.O., *The Ancient Egyptian Book of the Dead*, (Ed. Carol Andrews), Trustees of the British Museum, London, 1989, p. 12.
- <sup>22</sup> V. DERCHAIN, P. *Religion Egípcia in Las Religiones Antiguas*, Vol. I. *Historia de las Religiones Siglo XXI*, México, 1986, p. 101-89.
- <sup>23</sup> V. SCHNEIDER, H., *Shabtis Part I*, Rijksmuseum van Oudheden te Leiden., Leyden, 1977, p. 32.
- <sup>24</sup> V. BREASTED, J.H. *Development of Religion and Thought in Ancient Egypt*. 1972 (reimpressão de 1912), p. 265.
- <sup>25</sup> V. HORNUNG, E., *Conceptions of God in Ancient Egypt — The One and The Many*, (trad. J. Baines), Routledge & Kegan Paul, London, 1983, p. 183, nota 146.
- <sup>26</sup> V. BAKIR, A-e-M., "Nhh and dt reconsidered" in *JEA* 39, 1953, 110-1.
- <sup>27</sup> *Ibid.*, p. 111.
- <sup>28</sup> V. HORNUNG, E., *Conceptions...*, op. cit., p. 228-9.
- <sup>29</sup> V. FRANKFORT, H., *Ancient Egyptian Religion*, Harper Torchbooks, New York, 1961 (reimpressão de 1948), p. 109-10.
- <sup>30</sup> V. FAULKNER, R.O., *A Concise Dictionary of Middle Egyptian*, Griffith Institute — Ashmolean Museum, Oxford, 1981, p. 134.
- <sup>31</sup> V. ZANDEE, J. *Death as an Enemy According to Ancient Egyptian Conceptions*, 1960, p. 174, *apud* SCHNEIDER, H., *Shabtis*, op. cit., vol. I, p. 50.